



"Não aparece em cena apenas uma ordem social hierarquizada, ao mesmo tempo reprimida e repressora, mas também aquilo que coloca o ser humano em confronto com seu potencial metafísico"

SENHORA DOS AFOGADOS



Senhora dos Afogados, uma tragédia brasileira de Nelson Rodrigues, com direção de Luciano Alabarce, estreia dia 14 de março no Teatro do Clube de Cultura. Escrita em 1947, proibida pela censura em 1948 e encenada no Rio de Janeiro em 1954, **Senhora dos Afogados** retrata a vida de uma mulher que, apaixonada pelo pai, destrói a mãe e irmãs, em busca de ser a única mulher na família.

Viverão estas paixões e a lei da vontade e do desejo os atores Anita Tachenco, Eliane Steinmetz, Ivan Mattos, Java Bonamigo, Lineida Mazera, Adriane Motola, Nelson Ribas, Renato Campão e Francisco Marques. Outros 15 nomes

integram o elenco, participando do coro e interpretando os fantasmas.

O que se vê em **Senhora dos Afogados** são as relações incestuosas, o adultério, a traição, a violência. No seu lançamento, a peça despertou polêmica e irritação. Os críticos detestaram a obra e chegaram a chamar seu autor de **tarado**. Nelson se declarava traído e abandonado. Trinta anos depois, o diretor Luciano Alabarce acredita que, apesar de ser uma peça triste, arrancará gargalhadas da platéia. A produção é da Proáiresis, e o patrocínio do Bamerindus, com apoio da Susec/RS.

A Lei da Vontade e do Desejo

Por LUCIANO ALABARCE
Diretor de **Senhora dos Afogados**

Senhora dos Afogados também poderia se chamar "A Paixão Segundo os Drumonds". Com efeito, seus protagonistas, a família Drumond, se revelam trágicos, poderosos e inexoráveis. São personagens que vivem, na carne e na alma, a transgressão das normas que insistem na separação entre indivíduo e sociedade, natureza e cultura. Sua única lei conhecida, e respeitada, é a lei da vontade e do desejo.

Avassaladora, a peça despertou polêmica e irritação por ocasião de seu lançamento, em 1954. Nelson Rodrigues queria que o público a assistisse de joelhos. Parte do público, porém, se retrava indignado do teatro, enquanto outros a aplaudiam de pé. Os críticos detestaram a obra e chamavam seu autor de **tarado**. Os intelectuais se manifestavam a favor da interdição do texto. Nelson Ro-

drigues se declarava traído e abandonado. O escândalo explodira.

Senhora dos Afogados faz parte daquele grupo que Sabato Magaldi, na organização do "Teatro Completo de Nelson Rodrigues", agrupou sob o título de "peças míticas" (as outras são **Albúm de Família**, **Anjo Negro** e **Dorotéia**). A peça escapa, portanto, da identificação com as posteriores "tragédias cariocas" do autor. E eu, aliás, concordo com aqueles que não superestimam o "cariocês" dentro da dramaturgia rodriguesana, porque estaria aí o objetivo menor de uma obra de alcance muito mais profundo. **Senhora dos Afogados** foi toda escrita na segunda pessoa do singular, o que por si só já a descaracterizaria como "carioca". Os "Drumonds", como será fácil constatar, não são malandros suburbanos, assalariados ou prostitutas. Representam sim a fina flor de uma aristocracia decadente.

Pelas rubricas iniciais, ficamos sabendo que a ação se passa perto de uma praia selvagem, numa época indeterminada. A peça funciona como uma fábula, uma síntese, uma crítica aguda à estruturação da sociedade brasileira, como um todo desequilibrado. Deixa, porém, espaço para uma interpretação múltipla a respeito das debilidades humanas, próprias, a própria origem do homem. E eu diria que aí está o seu aspecto mais significativo como obra de arte. E esse, a perplexidade do homem diante de seu próprio mistério, será o aspecto valorizado pela minha direção. Não aparece em cena apenas uma ordem social hierarquizada, ao mesmo tempo reprimida e repressora, mas também aquilo que coloca o ser humano em confronto com o seu potencial metafísico, a sua origem e o seu destino. **Senhora dos Afogados** é uma peça triste, tristíssima, que provavelmente arrancará gargalhadas da platéia.

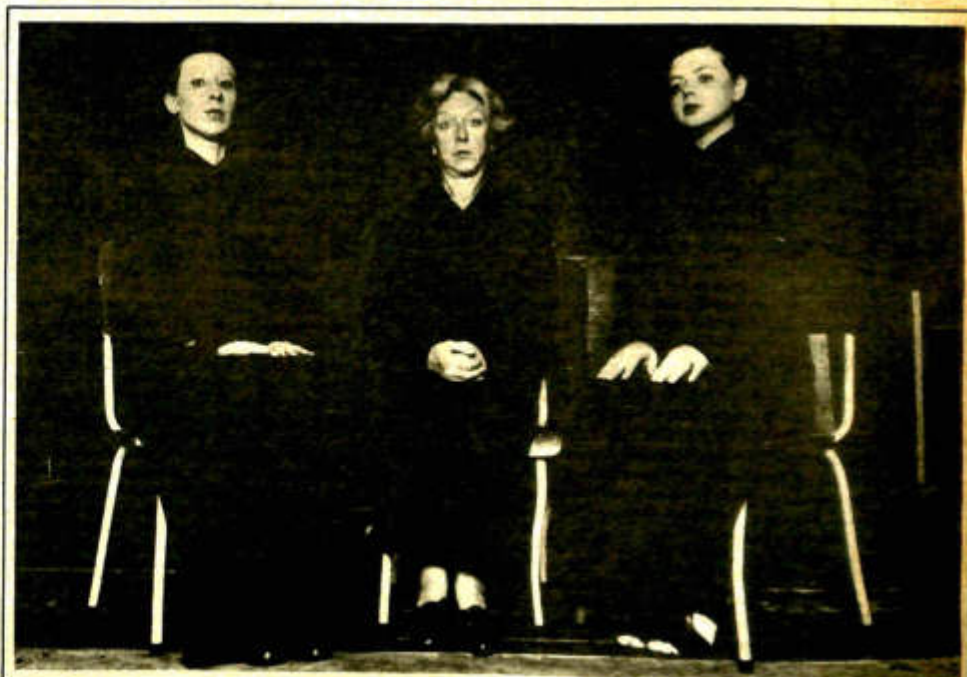


Nelson Rodrigues

Em cena, a tragédia da família Drumond

A família Drumond tem, em **Senhora dos Afogados** uma vertiginosa altura de queda. Afinal, trata-se de uma família das mais tradicionais. Misael, o pai, está para ser promovido a ministro. Isso não impede, entretanto, que ao abrir o pano, a família já esteja a degingolar. A queda começou há 19 anos, no dia do casamento de Misael e Dona Eduarda, quando assassinou uma metrezinha do casal. Pois, como não poderia deixar de ser, é o próprio sujeito que cava a sua desgraça. Com suas próprias mãos. As mãos têm um papel primordial neste texto de Nelson.

As mãos, o mar, dois elementos sobre os quais vale a pena meditar com mais calma. Eles dão uma espécie de acabamento à peça, aumentando o clima de premonição, destino — clima no sentido físico do acontecimento teatral como também no psicológico — e cuja ausência acarretaria certamente uma atenuação na ideia da tragédia. As mãos simbolizam toda a cultura trágica da peça, pelo menos em relação a Moema, filha de Eduarda, e à própria Dona Eduarda. Sim, porque é necessário lembrar que os personagens da tragédia têm plena consciência da culpa que lhes cabe. Moema, por exemplo, tem plena consciência do seu desejo. Executa ações, premeditadas, para satisfazê-lo. Dona Eduarda também tem plena consciência de que deseja vingar a morte de sua mãe. É todo um encadeamento extremamente complexo de ações. Ações pelas quais quem vai pagar são as mãos... as mãos de Dona Eduarda. As mãos que acariciam, as mãos que traíram. Mas a vingança de Misael não lhe trará sossego. E disso ele também tinha consciência. Pois não é verdade que o conflito trágico não tem solução? Moema, ao ser enfim a única filha e a única mulher em casa, não terá também a recompensa desejada. Mas nada teria feito com que ela, ou Misael, ou até mesmo Dona Eduarda não levassem até o fim aquilo que de certa forma os puxava. É a inevitabilidade outra característica da tragédia. A inevitabilidade que, como o mar, como o farol remoto, não deixará nunca pulsar. ("Nelson Rodrigues e o Fato do Palco" — Angela Leite Lopes, 1979)



Adriane Motola, Anita Tachenco, Eliane Steinmetz